

PANTA REÍ: O QUE O DE VIR DA OBRA DE PICASSO ENSINA AO PROFESSOR

BERNARDES, Sueli Teresinha de Abreu - Uniube/UFG

GT: Formação de Professores/ n. 08

Agência Financiadora: não contou com financiamento

A origem desta pesquisa

O Grupo de Apoio Pedagógico e Pesquisa, de que faço parte, realiza um trabalho na Universidade de Uberaba em que procura integrar atividades de formação de educadores e de pesquisa sobre essa própria atividade. E nessa dimensão são realizados estudos sobre as articulações entre diferentes áreas de conhecimento e linguagens distintas. Uma expressão que sempre despertou o interesse da equipe relaciona-se à arte. Não por mero acaso as investigações que se orientam por questões nessa área vem ganhando espaço nos trabalhos de pós-graduação de seus componentes. É o meu caso.

Este meu encontro com a arte de Picasso e a intenção de realizar uma pesquisa tendo por objeto a sua criação artística é também consequência natural das buscas ao longo de minha existência. Os sons, as cores, as formas, os traços formam em meu interior imagens do maravilhoso que os artistas criam e eu, como espectadora, me enteneço, admiro e me encanto. Sei também que quem se aproxima da beleza, aproxima-se do sonho. E se não é a descrição ou a explicação que nos faz mergulhar no mundo da magia, o contrário, ou seja, a experiência emocional estética nos faz compreender melhor a teoria. Os pensamentos construídos vêm fundamentando perguntas e a busca de uma conjugação de saberes em que se combinam intelecto e emoção, arte, educação e filosofia. Pensar a educação por meio de Picasso foi para mim uma experiência de abrir a mente ao entendimento.

As primeiras questões

No trabalho de formação de educadores uma questão permeava as ações que minha equipe realizava: qual o sentido da arte na educação? Afastávamos de conceituações próximas à educação artística, à arte-terapia ou à inserção da obra de arte como um enfeite, uma ilustração de materiais pedagógicos, sem desvalorizar tais enfoques. Nosso entendimento é o da arte como uma forma de saber, de conhecimento da realidade. As questões que emergiam buscavam fundamentos na própria obra de arte, no próprio gesto criador do artista. Foi assim que me interessei por um artista em especial, e procurei compreender o sentido, ou um dos sentidos de sua obra e perguntei: qual o sentido do devir na obra artística de Pablo Picasso? E mais ainda: o que o vir-a-ser da criação desse artista espanhol ensina ao educador?

O alcance do meu olhar investigativo

Uma pesquisa sobre a criação artística de Picasso em educação? Na verdade, tal questionamento só teria significado aos que ainda acreditam que a discussão de educação restringe-se ao domínio cognitivista, à crítica de estruturas e processos do ensinar-e-aprender, ao exame de questões técnicas e ao domínio de disciplinas específicas, ditas pedagógicas. Procuro acompanhar o desenrolar de novas questões ao ato de educar e mesmo re-visitando os modelos clássicos de educação. E os temas que me comovem e me estimulam a repensar minha prática são os que consideram o mundo concreto que nasce dos sonhos, pois quando eles se concretizam, geram a beleza. E não seria um permanente abrir-se para o belo, o bem e o verdadeiro, a razão mais ancestral e o sentido mais atual da Educação?

Apesar de ter recebido toda a minha formação escolar sob a hegemonia do cognitivo, penso a educação hoje como um empreendimento muito mais amplo, que envolve emoções, imaginação e sensibilidade. A perspectiva que deve animar a educação é a que remonta também à verdade, à beleza e à moralidade. Se a educação não tiver essas faces, corre o risco de ser ineficaz ou de ser eficazmente desumana. Sei que posso estar gerando questionamentos e acusações de submissão a modismos. Mas considero as perguntas mais importantes do que as respostas, o conhecimento, e mais que isso, o entendimento devem emergir da constante indagação.

Vários pensadores têm acentuado a necessidade de que eduquemos nosso olhar para a percepção de um horizonte aberto, no qual cada área de conhecimento seja vista como um universo, cujo centro pode deslocar-se segundo a indagação de quem o focaliza. Não é uma tentativa de abarcar o máximo de extensão possível num mesmo olhar, porém, mais como um olhar pontual que faz convergir o movimento de vários territórios de saber, aqueles que se revelam aptos à aventura desse encontro. No caso desta pesquisa, trata-se de buscar essa postura investigativa de abrir um espaço de respiração para a circulação de idéias e de emoções, uma atitude de ampliação de horizontes e uma re-leitura de conceitos.

Este trabalho fundamenta-se numa proposta que se aproximaria de uma fenomenologia da beleza, pois procuro trazer à luz a tomada de consciência de uma pessoa maravilhada pelas imagens da pintura. O alcance deste texto é, portanto, uma interpretação da obra de Picasso por meio da minha sensibilidade que se abre diretamente a sua arte.

Uma metodologia “não-convencional”

Magda Soares (1992) apresenta uma reflexão sobre “metodologias não-convencionais”¹ e de seu texto quero salientar alguns aspectos. Essa metodologia é uma categoria que complementa a convencionalidade, é um *continuum* que se estende de uma metodologia a outra, muitas vezes na mesma pesquisa. O que as diferencia são os significados dados ao locutor, ao interlocutor e ao gênero. Nessa pesquisa, o locutor, o que revela, inclui o pesquisador que deixa de se ocultar e se dissimular tentando uma objetividade e uma neutralidade. Baseada nesses princípios, a minha própria subjetividade foi assumida como uma forma de construir um conhecimento.

Lembro também Brandão que, ao ler Sontag, comenta:

¹ Ao leitor interessado, sugiro a leitura do capítulo “Metodologias não-convencionais em teses acadêmicas”, em livro organizado por Fazenda (1992).

ainda não nos livramos de sentir uma obra de arte através de querer pensar sobre o seu conteúdo e de buscar compreendê-lo, sempre, através de alguma coisa que não está nela mesma e que se comunica diretamente conosco, mas em algo que explica algo que pode ser explicado por algo, interpretativamente. Por isto deixamos de vivenciar pessoalmente a arte como o que nos diz algo, através de abrir-se ao poder da tradução direta de nossa sensibilidade diante dela. Abdicamos desse modo amoroso e profundo de conhecimento e procuramos imperfeitamente, inacabadamente, entender o que a arte nos fala como algo que só poderá ser compreendido se for traduzido para alguma coisa fora dela mesma, subjacente à sua forma, oculta por uma espécie “conteúdo latente”. (1998, p. 51)

Esse sentido de interpretação, ou de “contra-interpretação”, utilizando uma expressão de Sontag (1987, p. 14) é o que me norteou neste trabalho.

Baseio-me também em Bachelard (1996) quando penso que, obrigando-me a essa postura de um retorno sistemático a mim mesmo, a um esforço de clareza na tomada de consciência a propósito de uma imagem dada por um artista, aproximo-me de um método que me leva a tentar a comunicação com a consciência criante do artista. Numa ligação fenomenológica bachelardiana procuro ver como a arte de Picasso *me* aparece, e não como ela aparece.

Os diálogos realizados

Para refletir sobre o sentido do devir, li Heráclito. Ele se preocupava com o real, ele busca explicar a realidade em seu sentido de harmonia, que para ele —e aí está a sua grande contribuição— é a harmonia dos contrários. Em uma de suas intervenções, Ulhôa² comenta que a vocação de Heráclito é metafísica. Isso é típico da visão grega. Porém, hoje, o que se trata é um novo modo de ver a realidade e não de dizer o que ela é. Essa nova visão que está presente, é o ver do Picasso que pretende apreender todos os possíveis fragmentos do espaço e não explicar o que o espaço é na sua totalidade, como o grego pretendia. São duas cosmovisões diferentes. O filósofo grego está preocupado com o movimento do ser; Picasso, com o movimento do ver. Heráclito tem uma preocupação cosmológica, o artista preocupa-se com a percepção. E essa percepção busca, neste movimento do ver, a fragmentação do espaço. Picasso não está preocupado em traduzir, como Heráclito, o processo cósmico das transformações, mas o efêmero da condição humana. Mesmo no cubismo ele é profundamente humano.

Para refletir o sentido do devir, esses foram, resumidamente, os estudos realizados. As relações entre a arte e a educação foram refletidas a partir daí.

As aprendizagens significativas

Em suas criações, Picasso expressa ora um ver político, um ver solidário e humanista, ora um ver de um espectador deslumbrado pelo mundo e criador de novas realidades. A arte, assim como sua vida, é variada, surpreendente, afoita. É o signo plástico de uma existência vivida intensa e criativamente até os noventa e um anos de idade.

² Joel Pimentel de Ulhôa, informação verbal, 23 ago 1999.

Penso, porém, que seria um erro ver a obra de Picasso apenas como uma autobiografia pintada. Isto porque ele sempre transcendeu o pequeno domínio de suas aventuras pessoais, dos acontecimentos históricos e dos grandes amores vividos, elevando-os ao atemporal e universalmente humano. Sua arte expressa o fluir de sentimentos diante de fatos, pessoas, acontecimentos. Sem sucumbir a uma interconexão mecânica entre o mundo em que vive e sua expressão artística.

É em um cenário de realidades conceituais, poéticas e artísticas, das quais Picasso provavelmente tem mais consciência do que qualquer outro artista de sua época, que se deve entender o conceito de homem e de mundo que ele expressa em sua obra. Um mundo caótico, fugaz, que contesta os paradigmas na arte e na literatura, enaltece a liberdade e que também é, muitas vezes, poético, erótico e metafórico. Um mundo também de muitos conflitos políticos, ideológicos e econômicos. Época de guerras, de novas perspectivas no âmbito das idéias como a fenomenologia, a psicanálise, o marxismo e a teoria da relatividade. Ele conseguiu captar em sua obra aquilo que a cosmovisão de seu tempo tinha de mais significativo: a desconstrução. Não é possível enquadrar Picasso em um movimento, porque ele é exatamente a ruptura.

Considerações finais: o que o artista ensina ao professor

A arte nos ensina esse poder de transgressão que aparece de uma forma negativa e que do lado positivo é a liberdade do ser. O artista nos ensina a liberdade, por isso a arte fica muito externa à escola. E quando ela visa a escola, fica acadêmica. O artista é um gesto de transgressão. A Arte é exatamente isso, ou ela vira uma receita, pedaços de uma coisa que constrange. É por isso que cada artista é um vulcão.

Uma outra face interessante é guardar na escola, no espaço mesmo da escola e, por analogia, no grande espaço espiritual da educação, os valores da liberdade que a arte porta em si mesma, e não considerá-la apenas como um instrumento ou a atividade “extra-curricular”.

A arte questiona e estimula a indagação. Nesse contexto, o artista ensina ao professor a constante busca, o distanciamento de reproduções de saberes já construídos, a atitude crítica, inovadora, transgressora e de ruptura. Quando pensamos em uma universidade crítica e não produtivista, lembramos os “ensinamentos” dos artistas. Se queremos formar professores que superem a mera transmissão de informações, a erudição formal e distante, a transposição de conhecimentos e sejam educadores que estimulem o pensar, precisamos aproximarmos dos que, de forma mais humanista, expressam não só a beleza, mas os valores ambivalentes que a arte nos proporciona.

O artista calibra o gesto pedagógico.

Referências

- BACHELARD, G. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória Sertão*. São Paulo: Cone Sul/Editora UNIUBE, 1998.
FAZENDA, Ivani (Org.). *Novos enfoques da pesquisa educacional*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992.
SONTAG, Susan. *Contra a Interpretação*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

Imagem Picasso

Imagem Picasso

devir

Imagem Picasso

humanismo

Imagem Picasso

transgressão

Imagem Picasso

Esta pesquisa tem por objetivo investigar relações entre a arte e a educação, enfocando a obra de um artista. Parto da pergunta: qual o sentido do devir na criação artística de Pablo Picasso? Utilizando uma metodologia baseada em Susan Sontag, Gaston Bachelard e Carlos Brandão, procuro expressar uma interpretação da obra de Picasso por meio de minha sensibilidade que se abre diretamente a sua arte. Reflito sobre o que permanece na mudança: a expressão sensivelmente cúmplice da condição humana. O pintor espanhol busca sem cessar novas formas de expressão e transgride os paradigmas estéticos de seu tempo. Nesse sentido, o artista ensina ao professor pois a arte é uma outra forma de conhecimento, não é apenas um deleite ou um adorno e, além disso, instiga o pensamento. Por isso, na formação de educadores deveriam acontecer com todos, especialmente nós aprendizes por toda a vida, momentos assim elementares de pensar sobre as emoções sentidas.